

**HAGANO E AS AGRURAS DA USURPAÇÃO:
AS LUTAS ENTRE CARLOS, O SIMPLES E ROBERTO DA
NEUSTRIA PELA COROA DA FRANCIA ENTRE
JUSTIFICATIVAS E INTENÇÕES**

HAGANO AND THE HARDSHIPS OF USURPATION:
THE STRUGGLES BETWEEN CHARLES *THE STRAIGHTFORWARD*
AND ROBERT OF NEUSTRIA FOR THE CROWN OF FRANCIA
BETWEEN JUSTIFICATIONS AND INTENTIONS

Bruno Casseb Pessoti¹ 0000-0002-6905-0570

¹ Universidade Federal do Oeste da Bahia, Barreiras - Brasil, Brasil -
casseb.pessoti@ufob.edu.br

Resumo: A partir do final do século IX, o reino da Francia se tornou palco das disputas entre os representantes da casa reinante carolíngia e os descendentes de Roberto, o Forte. Os robertianos chegaram ao poder com a coroação de Eudes, em 888, e mesmo com a restituição da coroa aos carolíngios, dez anos depois, não abandonaram os anseios de tomar o trono definitivamente. O irmão de Eudes, o duque Roberto da Neustria, se utilizou de diferentes estratégias em sua busca incansável para atingir a dignidade régia. Um episódio em que os anseios monárquicos do duque neustriano se manifestaram de forma mais contundente foi o da elevação de Hagano, nobre de origem intermediária, ao cume da hierarquia nobiliárquica, por decisão do monarca Carlos, o Simples. Nesse trabalho vamos discutir como Hagano se transformou em uma possibilidade para que Roberto justificasse suas intenções de usurpar do trono. Nossa análise teve como base as informações apresentadas pelo monge Richer de Saint Remi em sua obra Quatro Livros de Histórias, escrito na última década do século X.

Palavras-chave: Francia; séculos IX-X; monarquia; quatro livros de histórias.

Abstract: From the end of the 9th century, the kingdom of *Francia* became the scene of disputes between the representatives of the carolingian ruling house and the descendants of Robert, the Strong. The robertians came to power with the coronation of Eudes, in 888, and even when the crown was returned to the carolingians ten years later, they didn't abandon their desire to take the throne for good. Eudes' brother, duke Robert of Neustria, used different strategies in his relentless pursuit of royal dignity. One episode in which the neustrian duke's monarchical desires were manifested most forcefully was the elevation of Hagano, a noble of intermediate origin, to the top of the nobiliary hierarchy, by decision of the monarch Charles, the Straightforward. In this paper we will discuss how Hagano became a possibility for Robert to justify his desired usurpation of the throne. Our analysis is based on the information presented by the monk Richer de Saint Remi in his work *Four Books of Histories*, written in the last decade of the 10th century.

Keywords: Francia; 9th-10th centuries; monarchy; four books of histories.

Introdução

Entre os anos de 991 e 998, o monge Richer, ligado à abadia de Saint Remi, escreveu uma obra intitulada *Quatro Livros de Histórias*. O trabalho se detém sobre os reinados dos quatro últimos monarcas da dinastia carolíngia e dos dois primeiros da dinastia capetíngia e abraça um arco temporal de vai de 888 a 998. No *Livro I*, entraram em cena quatro monarcas. Um, Carlos, o Simples (893-923/929), ligado à família carolíngia, legítima detentora dos direitos sobre o trono; outros três pertenciam a outras linhagens que usurparam trono em um contexto que se marcava pelo esfacelamento da autoridade monárquica: Eudes (888-898), Roberto da Neustria (922-923) e Raul da Borgonha (923-936). Os dois primeiros eram irmãos – e herdeiros de Roberto, o Forte (820-866) – e o terceiro era cunhado de ambos. A família robertiana tomaria, definitivamente, o trono cem anos depois da coroação de Eudes. O Reino Franco do Ocidente foi, ao longo do final do século IX e de todo o século X, o palco no qual herdeiros de Roberto, o Forte e os de Carlos Magno se defrontariam pelo poder até que se consumasse a usurpação da coroa e a substituição da casa reinante, em 987, com a coroação de Hugo Capeto.

Nos anos iniciais da década de 920, uma luta renhida entre o carolíngio Carlos, o Simples, e o robertiano Roberto da Neustria, esteve no epicentro das disputas pela coroa da *Francia*. Um dos momentos mais importantes e cheio de desdobramentos dos embates entre Carlos e Roberto foi a contenda em torno da participação de Hagano no xadrez político franco. Personagem que levantou dúvidas sobre sua real influência e responsabilidade no desenrolar dos eventos, Hagano esteve diretamente ligado aos acontecimentos que precipitaram a deposição de Carlos, o Simples e a usurpação protagonizada por Roberto da Neustria. Este, não completaria um ano à frente do reino, mas seu grupo seria bem-sucedido em escolher seu sucessor. O que o envolvimento de Hagano no tabuleiro político pode nos informar sobre as disputas pelo poder no Reino Franco do Ocidente na primeira metade do século X? Esperamos que esse trabalho possa lançar alguma luz a essa pergunta, a partir da análise das informações disponíveis no *Livro I* da obra de Richer de Saint Remi. Aproveitamos para dizer que todas as traduções que aparecem nesse trabalho são de nossa inteira responsabilidade. Optamos por indicar os trechos dos *Quatro Livros de Histórias* que utilizamos nesse artigo pela numeração dos capítulos em que eles aparecem na obra, pois, dessa forma, fica aberta ao leitor a

possibilidade de acompanhá-los a partir de qualquer uma das versões disponíveis ao público. Particularmente, fizemos a opção de utilizar a edição de 1930, editada e traduzida por Robert Latouche.

O simbólico como político

A escrita da História durante a Alta Idade Média trazia consigo o ideal pedagógico de que a apresentação dos fatos do passado deveria se cercar. Assim, a História se atrelava ao objetivo de servir de exemplo para as gerações futuras. O substrato dessa fundamentação educacional era moral e se atrelava aos ideais salvíficos que o cristianismo preconizava como fim último das atividades humanas. No caso dos *Quatro Livros de Histórias*, escritos pelo monge beneditino Richer de Saint Remi, é possível identificar que o sentido pedagógico se direciona e se vincula aos aspectos políticos da organização da sociedade humana. Não que esta escapasse às vontades do Criador para se organizar, mas o aspecto moralizante sustentado pela apresentação dos eventos passados serve para que os leitores da obra atentem para a necessidade de que o reino seja organizado a partir de um modelo que possa garantir sua pacificação. A sugestão de que o passado seja utilizado como exemplo, nesse caso, não decorre, apenas, da necessidade de que se atinja o nível mais elevado da moral segundo as diretrizes do cristianismo. O objetivo do autor é o de que se aceda a uma organização social que coloque fim ao caos que marca as relações entre os habitantes da *Francia*. Nesse caso, a pedagogia extraída das lições oferecidas pelos fatos pretéritos se bifurca para que os aspectos moralizantes se associem aos necessários enquadramentos da ordem terrena em uma lógica específica capaz de colocar fim aos conflitos. Ainda que os objetivos sejam a salvação humana e a redenção dos cristãos, isso careceria de um sistema político que fizesse com que esses fieis conseguissem resolver as guerras intermináveis que faziam parte do seu cotidiano. Richer estava, inquestionavelmente, se dirigindo às gerações futuras para que elas aprendessem com os equívocos dos seus pais e aprimorassem suas condutas. Um dos aspectos que precisaria ser ensinado a esses aprendizes é que sem um esforço coletivo para que a centralização do reino pudesse ser alcançada, o esquiteamento das vontades políticas e a cobiça incontrolável dos fortes submeteria a vida dos habitantes do reino a um sem-número de mazelas, algumas internas e outras advindas de fora do território

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

franco. Moral e política, são, assim, indissociáveis na narrativa richeriana e analisar as representações que o monge de Saint Remi ofereceu de ambas e como ele as conectou com eventos pretéritos, é necessário para que possamos compreender seu projeto de sociedade e sua percepção sobre o passado.

O discurso de Richer está eivado de símbolos e metáforas de que ele se utilizou para manifestar ideais moralizantes e para apresentar sua agenda política. Esses símbolos, além de dar inteligibilidade às suas ideias, desnudam traços e nuances do contexto em que ele viveu. Na narrativa richeriana, relações de poder se manifestam através de comunicações simbólicas (BOURDIEU, 2001), tendo como pano de fundo os cenários em que aconteciam os embates entre os diferentes grupos que compunham a aristocracia franca. As informações oferecidas pelo monge de Saint Remi, mesmo tendo sido consideradas como invenções ou indignas de confiança por parte da medievalística, se coadunam como um manancial no qual essas lutas – materiais e simbólicas – pela hegemonia podem ser conhecidas e interpretadas. A apreensão e análise desses aspectos intratextuais inerentes ao discurso de Richer, nos permitem acesso ao mundo que lhes é exterior (STAROBINSKI, 1976) e esse universo se torna inteligível através de formas simbólicas de que seu autor se utilizou para apresentar e tentar impor sua mundividência (CHARTIER, 1993). Nossa reflexão se pauta, assim, no questionamento: o que os símbolos narrativos presentes nos *Quatro Livros de Histórias* nos permitem conhecer do contexto em que essa obra veio à luz? Pretendemos, destarte, analisar aspectos da sociedade franca do século X a partir de elementos simbólicos que o monge de Saint Remi atrelou aos personagens históricos que figuraram em suas páginas e de que sua narrativa se revestiu, quando se propôs a escrever sobre os confrontos envolvendo os grupos que lutavam pelo poder no reino dos francos ocidentais no alvorecer do segundo milênio.

Hagano e as justificativas da traição

Um momento nevrálgico do *Livro I* é a apresentação dos embates que giraram em torno da figura de Hagano, plenos de consequências para as décadas que viriam. A polêmica nasceu a partir da elevação desse homem de origem desconhecida, nobre de segunda linhagem, à condição de conselheiro do rei e homem de confiança da casa reinante. O monarca Carlos, o Simples o colocou em pé de igualdade em relação a alguns

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

optimates, como Roberto da Neustria, e em detrimento de muitos outros ligados às principais famílias do reino. A posição à qual Hagano foi alçado causou sensações conflitantes nos grupos rivais que digladiavam pela hegemonia no seio da nobreza franca e que tentavam impor a legitimidade de seus discursos e aspirações enquanto buscavam o poder. Além disso, regiões externas ao reino foram convidadas, por diferentes grupos, para tomar parte nas contendidas. É preciso analisar, então, os eventos envolvendo Hagano a partir das informações oferecidas por Richer.

Antes, um pequeno exórdio se faz necessário. Eudes foi coroado em 888, mesmo não sendo da família real, em decorrência da pouca idade do herdeiro do trono, Carlos, o Simples, então com oito anos. A justificativa foi a necessidade de que uma liderança pudesse orquestrar a defesa do reino diante das razias promovidas pelos vikings. Em 893, Carlos foi coroado e dividiria a coroa com Eudes até que este morresse, cinco anos depois, em 898. A partir desse ano, Carlos assumiria a coroa sozinho e seu reinado se estenderia até 923, ano em que foi colocado no cativeiro do qual não sairia até sua morte, em 929. Em 922, os aliados de Roberto da Neustria o coroaram rei, ainda durante o reinado de Carlos e, após sua morte, menos de um ano depois de ter usurpado o trono, eles o passaram para seu genro, Raul da Borgonha, quando o legítimo herdeiro ainda se encontrava vivo, mas encarcerado. Carlos, o Simples era filho de Luís, o Gago e neto de Carlos, o Calvo, era descendente, em linhagem direta, da dinastia carolíngia. Os *Quatro Livros de Histórias* o apresentam com as seguintes palavras:

Carlos, tornado rei, mostrava muita benevolência; seu corpo era forte e sua natureza era simples e boa; não era muito afeito às atividades militares, mas era muito dedicado aos estudos das letras; ele fazia doações com liberalidade, e não conhecia a avareza. Ele tinha dois grandes defeitos: se entregava excessivamente aos prazeres e negligenciava a aplicação da justiça. Os príncipes das Gálias se vincularam a ele de coração e através de juramentos; o próprio Roberto, homem hábil e corajoso, irmão do falecido rei Eudes, não lhe recusava a prestação de serviços militares. O rei fez dele duque da Céltica e lhe confiou inteiramente a administração dessa região, o consultou para tudo durante quatro anos e demonstrava-lhe uma grande afeição¹.

¹ “Karolus itaque rex creatus, ad multam benivolentiam intendebat. Corpore prestanti, ingenio bono simplicique; exercitiis militaribus non adeo assuefactus at litteris liberalibus admodum eruditus; in dando profusus minime avarus; duplici morbo notabilis: libidinis intemperans, ac circa exsequenda juditia Paulo neglegentior fuit. Galliarum principes ei animo ac sacramento annexi sunt. Necnon et Robertus Odonis regis defuncti frater, vir industrius atque audacia plurimus, sese militaturum regi accommodat. Quem etiam rex Celticae ducem praeficit, ac in ea omnium gerendorum ordinatorem concedit; ejus fere per quadriennium consilio utens, eique admodum consuescens” In: RICHER. **Histoire de France**. Éditée et

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

Pierre Riché nos diz que o rei do primeiro milênio, além de guerreiro, é, também, líder dos guerreiros e que tem como funções primordiais aplicar a justiça e impor a paz no reino (RICHÉ, 1983). Segundo Richer, Carlos, o Simples era pouco afeito às atividades militares e indolente quanto à aplicação da justiça, o que o colocaria em uma situação vulnerável, quando se imagina a importância dos papéis de juiz e chefe guerreiro para um monarca cristão que tivesse assumido o poder durante a Alta Idade Média. A descrição feita pelo monge de Saint Remi nos mostra um soberano negligente em um contexto no qual a perda do monopólio dessas prerrogativas régias esteve atrelada ao esquiteamento do poder de mando. Em um cenário de autoridade limitada e jurisdição circunscrita, o monarca surge representado como descuidado e desinteressado com os assuntos do reino – abaixo discutiremos a pertinência da caracterização que Richer nos oferece de Carlos, o Simples. Além disso, se aproximou de Roberto da Neustria, o nomeou duque da Célitica, atribuiu a ele grandes responsabilidades e não deixou de consultá-lo para todos os assuntos importantes atrelados aos destinos da *Francia*, durante os primeiros anos de seu reinado. Roberto, um dos homens mais poderosos do reino, era filho de Roberto, o Forte e irmão de Eudes, que havia sido elevado à condição de rei entre 888-898. Diante desse quadro, uma medida iria perturbar profundamente o tabuleiro em que as diferentes forças sociais atuavam e apresentavam suas demandas. Um homem de origem obscura foi alçado a uma condição especial em detrimento dos grandes do reino que legitimavam e referendavam – ao tempo em que enfraqueciam – a autoridade régia. Carlos colocou Roberto, seu conselheiro e ‘administrador’ do reino, em pé de igualdade com Hagano, indivíduo saído de um grupo intermediário. O que esteve por trás dessa decisão que agrediu tão frontalmente as prerrogativas e direitos aristocráticos? Quais foram as intenções de Carlos, o Simples e o que os *Quatro Livros* podem nos revelar sobre esse episódio?

A querela nasceu a partir da subversão da lógica que orientava o equacionamento do poder no seio da aristocracia franca. Uma das diretrizes que balizavam o compartilhamento da autoridade entre os *optimates* foi relativizada por uma medida tomada pelo rei: a elevação de um indivíduo proveniente de estratos intermediários da

Traduite par Robert Latouche. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1930, vol. 1, *Liber I*, cap. XIV.

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

sociedade para postos ocupados exclusivamente pelo cume da hierarquia social. Colhemos dos *Annales*, escritos por Flodoard, cômego da catedral de Reims – e uma das principais fontes consultadas por Richer durante a escrita de sua obra – a informação de que os eventos se precipitaram no ano de 920. O cômego remense diz que “quase todos os condes abandonaram seu rei Carlos perto de Soissons, porque ele não quis renunciar ao seu conselheiro Hagano, que, de origem mediana, ele elevou ao poder.”² Quanto a Richer, sua obra nos traz poucas informações concernentes a Carlos, o Simples para o período que vai da sua coroação, em 893, até as contendas envolvendo Hagano. Eis como o monge de Saint Remi apresenta os fatos.

Ainda que o rei demonstrasse muita benevolência para com os príncipes, ele apresentava uma afeição particular por Hagano, que ele tirou de uma categoria intermediária e elevou ao poder; isso fez com que os grandes se afastassem dele e que apenas Hagano se mantivesse próximo da sua pessoa, chegando mesmo a tirar, com frequência, o chapéu que repousava na cabeça do rei colocando na sua. Tudo isso foi muito ruim para Carlos; os grandes, indignados, foram procurá-lo para se queixar de que um homem de origem obscura aviltasse a dignidade real sendo colocado como conselheiro do príncipe, como se não houvesse uma nobreza, ameaçando, se ele não abdicasse de uma familiaridade nesses moldes, se retirar completamente do conselho do rei. Carlos não levou essas reclamações em conta e não se apartou do seu favorito.³

Ao lado da menção dos fortes agravos sofridos pela nobreza, o relato richeriano apresenta um tom pueril para descrever a conduta de Hagano e a permissividade de Carlos. Os grandes do reino ficaram insatisfeitos com o rei em decorrência de sua aproximação em relação a Hagano, o que por si só mostra uma fratura entre as ações do rei e as expectativas dos grupos que chancelavam sua autoridade. Há duas referências à condição a que Hagano foi elevado que merecem nossa atenção: seu acesso ao poder – mesmo advindo de um grupo intermediário – e a intimidade da relação que estabeleceu com o rei. Ainda que a indignação dos *optimates* com o rei e suas infrutíferas ameaças de

² “Pene omnes Franciae comites regem suum Karolum, apud urbem Suessonicam, quia Haganonem consiliarium suum, quem de mediocribus potentem fecerat dimittere nolebat, reliquerunt.” In: FLODOARD. *Les Annales de Flodoard*. Paris: Picard, 1905, p. 2.

³ “Nam cum multa benignitate principes coleret, praecipua tamen beatitudine Haganonem habebat, quem ex mediocribus potentem effecerat; adeo ut magnatibus quibusque longe absistentibus, ipse regio lateri solus haereret, pilleum etiam a capite regis sepiissime sumptum, palam sibi imponeret. Quod etiam multam regi intulit labem. Etenim primates id ferentes indignum, regem adeunt, ac apud eum satis conqueruntur, hominem obscuris parentibus natum, regiae dignitati multum derogare, cum acsi indigentia nobilium, ipse tanquam consulturus regi assistat. Et nisi a tanta consuetudine cesset, sese a regis consilio penitus discessuros. Rex dissuasionibus his minime credulus, a dilecto non cessit.” In: RICHER, op. cit., cap. XV.

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

abandoná-lo evidenciem o caráter político do vínculo entabulado com Hagano, o discurso richeriano tenta despolitizar Carlos quando representa de forma infantilizada a relação pessoal que ele estabeleceu com seu ‘favorito.’ Novas evidências de que o monarca carolíngio atuava politicamente quando trazia Hagano ao centro do proscênio aparecem na sequência dos *Quatro Livros*. “O rei, ao tomar assento em seu palácio, colocou o duque à sua direita e Hagano à esquerda.”⁴ Ele passou a se sentar ao lado esquerdo do trono que tinha o lado direito ocupado por Roberto, o que pública e simbolicamente significava que eles eram iguais. Iguais no merecimento, no pertencimento, na hierarquia, nos direitos e nas prerrogativas de participar nos destinos e encaminhamentos do reino.

Parecia-lhe indigno que o rei vinculasse à sua pessoa um homem desse tipo, enquanto os mais nobres da Gália eram mantidos à distância; se Carlos não fizesse Hagano voltar a sua condição original, ele mesmo faria, impiedosamente. O rei, sem poder suportar o ultraje ao seu favorito, respondeu que preferiria ficar sem as opiniões de todos os seus conselheiros do que perder a amizade de Hagano, o que enfureceu Roberto de tal modo que ele, sem esperar a ordem, partiu para a Neustria com a maior parte dos príncipes. Ele se dirigiu a Tours, manifestando grande ressentimento pela conduta inconsiderada do rei. Ele agiu com habilidade junto aos seus para transferir a si a autoridade soberana; pois, mesmo tendo sido generosamente contemplado por Carlos, ele não deixou, entretanto, de cobiçar veementemente o trono, que achava que deveria ter passado para ele, após a morte do irmão.⁵

Roberto personificou a indignação de parte da aristocracia e fez com que seus aliados confiassem a ele a autoridade régia. Quando Richer diz que o duque da Céltica “não deixou, entretanto, de cobiçar veementemente o trono, se apresentando como seu legítimo herdeiro após a morte do irmão” se nos afigura o indicativo da sua leitura sobre o evento: o duque aspirava à coroa, justificava sua ambição no reinado de seu irmão e tentava respaldar sua pretensão a partir da exploração de um evento que se configuraria como inadmissível dentro dos hábitos e costumes atinentes ao comportamento político da aristocracia franca. O monge de Saint Remi faz uma observação que denota sua

⁴ “(...) cum rex in palacio sedisset, ejus jussu dux dexter, Hagano quoque ei levus pariter resedit.” In: *Ibidem*, cap. XVI

⁵ “Indignum etiam videri hujusmodi hominem regi haerere et Gallorum nobilissimos longe absistere; quem nisi in mediocritatem redigat, sese cum crudeli suspensio suffocaturum. Rex dilecti ignominiam non passus, facilius se omnium colloquio, quam hujus familiaritate posse carere respondit. Quod nimium Rotbertus indignatus cum optimatibus plerisque injussus Neustriam petit, ac Turonis sese recipit. Multam ibi de regis levitate indignationem habens. Plurima etiam ut in se transfundatur rerum summa, apud suos caute pertractans. Quamvis etenim regi faverit, non mediocriter tamem ei regnum invadebat, cum sibi post fratrem hereditandum magis videret.” In: *Ibidem*.

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

reprovação em relação à conduta do robertiano quando ele ressalva que este manifestou ambições régias “mesmo tendo sido generosamente contemplado por Carlos.”

Rosamond McKitterick lembra que Roberto liderou guerras contra Carlos, no fim do século IX, em nome de seu irmão Eudes (MCKITTERICK, 1983). Quase meia década de conflitos desenrolaram-se até que o reconhecimento do direito de sucessão fosse concedido a Carlos, a um custo bastante elevado. Ele outorgou a Eudes e seus sucessores propriedades, mosteiros e terras, na região da Neustria (GEARY, 1994), além de ter indenizado Roberto quando assumiu a coroa sozinho, em 898. A vontade de se apoderar da autoridade régia sempre esteve presente no espírito do duque neustriano. Ele dispunha de uma ampla rede de aliados e de um precedente legitimador, sua condição de irmão de um rei. Seria necessária uma oportunidade que pavimentasse o caminho até o trono e o episódio Hagano se configurou como a possibilidade de que uma justificativa fosse aventada para a deposição do rei. A ideia de que a coroação de Eudes havia sido apenas um paliativo decorrente da pouca idade do legítimo herdeiro e direcionada apenas para centralizar a defesa contra inimigos externos, não fazia parte dos planos de Roberto. O que os robertianos almejavam era a imposição de uma nova casa reinante. O monge de Saint Remi nos mostra o duque neustriano engajado na proposta de aceder ao trono e ciente da necessidade de alimentar os procedimentos que chancelassem a usurpação. Para alinhavar sua estratégia, Roberto enviou emissários com a finalidade de proceder a uma exortação frágil junto ao rei para que abandonasse Hagano, com o intuito de que ele fizesse exatamente o contrário.

Os príncipes que abordaram Carlos faziam parte do grupo de Roberto; instigados pelo duque, eles solicitaram ao rei que se apartasse de Hagano. Não que quisessem isso de fato, mas para preparar a tomada do trono por Roberto. Eles aconselharam debilmente ao rei que abandonasse seu favorito; disseram, sem insistir muito, que se ele não se afastasse, o duque se separaria dele, esperando efetivamente que o rei, advertido de forma irresoluta, não deixasse de perseverar em sua conduta, o que lhes daria uma excelente ocasião de fazer eclodir sua indignação contra o rei. As coisas caminhavam como havia sido planejado, pois o rei que não cogitava seguir o conselho, respondeu que jamais se separaria de Hagano e persistiu nessa decisão.⁶

⁶ “At qui confluxere, Rotberti partes tuebantur, cujus suasu capti, de Haganonis abjectione apud regem pertractant, non ut id fieri velint, sed ut regnandi occasio Rotberto paretur. Abjectionem itaque Haganonis leviter suadent; duces etiam a se discessurum si non abjiciat, mediocre assertionem demonstrant; quatinus levi obiurgatione rex ammonitus, coeptis insistere non formidet. Unde et post contra eum justissima indignationis causam se habituros arbitrabantur. Quod etiam totum ad vota eorum provenit. Nam rex nulla

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

Segundo Richer, Carlos, o Simples caiu na armadilha, em uma nova ocasião em que as páginas dos *Quatro Livros* apresentam o carolíngio como politicamente despreparado e manipulável. Como vinha sendo orquestrado, o projeto era atrelar à proximidade entre Carlos e Hagano a razão para deposição do carolíngio. A narrativa richeriana mostra que a estratégia de Roberto foi a de se utilizar dos seus aliados que já haviam aceitado a substituição dinástica para propagar suas pretensões. A ideia era explorar o descontentamento, efetivamente, gerado pela pertinácia da ligação entre o monarca e seu ‘favorito’ para insuflar uma rebelião no seio da aristocracia. Essa proposta poderia se configurar como um elemento persuasivo diante daqueles que ainda não haviam se associado ao robertiano e que não se encontravam atrelados ao legítimo utente da coroa. Ainda que o envio dos emissários robertianos não tenha de fato ocorrido, como afirma Latouche,⁷ sua presença na narrativa richeriana nos diz muito sobre o desenrolar dos eventos. Richer se utilizou dos enviados para metaforizar as negociações envolvendo o rei e os aristocratas em sua disputa pelo poder. Abandonar Hagano seria a resposta de que o rei aceitaria que sua autoridade estava baseada nos conselhos e intervenções da nobreza nos assuntos do reino. Por isso, os príncipes foram sondá-lo. O ardid de que eles são depositários manifesta que o projeto do partido robertiano estava arquitetado e esperava, apenas, a oportunidade para ser colocado em prática. Roberto precisaria de mais argumentos para sustentar a deposição de Carlos e o envio dos emissários desempenharia esse papel. O que se infere da narrativa do monge de Saint Remi é que o duque neustriano tinha expectativa de que o rei se mantivesse com Hagano, pois essa seria a senha de que ele precisava para arregimentar novos aliados para consolidar e aumentar seu poder e a consequente possibilidade de intervenção no cenário político. Além disso, o aviso ao rei de que a aliança com Hagano não seria tolerada poderia se configurar como atenuante para a concretização da usurpação, caso Carlos se mantivesse fiel a ele, que foi o que aconteceu.

suasione affectus, nunquam a dilecto sese discessurum respondit, idque multis sententiarum sermonibus assrebat. In: *Ibidem*, cap. XXI.

⁷ *Ibidem.*, p. 50-51.

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

O passo seguinte de Roberto foi costurar uma aliança⁸ com o rei da Saxônia, Henrique I, o Passarinheiro, – ou com Gilberto da Lorena – com intuito de usurpar a coroa, ainda se fundamentando na recusa em aceitar a proximidade do rei com um homem de linhagem inferior. “Quando o duque Roberto viu essa resolução bastante consolidada no espírito do rei, enviou mensageiros a Henrique, de além-Reno para engajá-lo no empenho de destronar Carlos.”⁹ O discurso richeriano mostra que o duque elaborava um ardil que tinha por objetivo isolar Carlos interna e externamente. Pelo poder de que dispunha, o apoio e reconhecimento de Henrique teriam um peso significativo para ajudar a legitimar a usurpação que o neustriano planejava. “Roberto foi informado que Henrique precisou fugir e que havia sido perseguido pelos guardas do rei, e, rapidamente, jurou-lhe fidelidade.”¹⁰ Mas, o argumento sobre Hagano não seria suficiente para atrair simpatizantes à causa do robertiano, o que fez com que ele lançasse mão dos elementos basilares para o estabelecimento de vínculos no contexto do século X.¹¹ À campanha contra a elevação de um nobre de segunda linhagem, ele acrescentou um conjunto de ofertas. Richer assevera que

fortalecido pela adesão de Henrique, o tirano se dedicou, sem perda de tempo, ao intuito de se apoderar do reino; para atingir esse fim, ele fez muitas doações e infinitas promessas. Por fim, ele pregou abertamente contra o rei, junto aos príncipes que haviam aderido à sua causa.¹²

⁸ Durante a escrita dos *Quatro Livros*, Richer fez inúmeras revisões e correções. Em alguns capítulos (XX-XXIV), nas passagens em que havia escrito o nome Gilberto, o monge de Saint Remi o riscou e substituiu por Henrique, procedendo da mesma maneira com Bélgica, que foi riscada e substituída por Saxônia. Assim, a proposta de aliança feita por Roberto pode ter sido direcionada tanto ao primeiro (quando se considera a versão original), quanto ao segundo (quando se tem em conta a versão final). Ainda que o peso de ter o duque da Lorena como aliado não fosse o mesmo do que ter o rei da Saxônia, o que pretendemos ao usar esse trecho, é mostrar os esforços feitos por Roberto da Neustria para fortalecer sua rede de aliados, com o objetivo de isolar o monarca carolíngio e tomar seu lugar.

⁹ “Quod cum Rotbertus dux in ejus animo fixum perciperet Heinrico Transrhenensi per legatos de regis ejectione suadet.” In: RICHER, op. cit., cap. XXI.

¹⁰ “Compererat enim eum a regiis stipatoribus in fugam coactum; unde et de se fidem continuo fecit.” In: *Ibidem*

¹¹ Aqui se faz necessário um breve comentário sobre os traços que marcaram o estabelecimento de liames entre os homens da aristocracia, principalmente entre os séculos X-XIII, período de formação e consolidação das idiossincrasias que marcaram a sociedade feudal. As relações intra-aristocráticas foram designadas como formadoras da feudalidade. O elo entre os indivíduos que se ligavam reciprocamente através das relações de dependência era o feudo. A concessão de terras se afigurava como impreterível

¹² “Cujus consensu tyrannus mos laetus, in ses regnum transferre diligentissime laborabat. Largitur itaque plurima, atque pollicetur infinita. Tandemque inductos de transfugio jam principes aperte alloquitur.” In: RICHER, op. cit., cap. XXI.

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

Inquestionavelmente, a deposição do rei permitiria a Roberto dispor de recursos com os quais poderia contemplar os apoiadores que aderissem à sua causa. No caso de Henrique ou Gilberto, a oferta mais sedutora seria a de renunciar ao controle sobre a Lorena, em troca do apoio para conquistar da coroa do Reino Franco do Ocidente. O monge mostra, nessa passagem, sua reprovação quanto à conduta de Roberto, quando o caracteriza como tirano, o que permite inferir que ele não apoiava a ideia da transição dinástica e não concordava com a pretensão que o robertiano acalentava sobre a coroa. Além disso, a manutenção do esquiteamento da autoridade iria de encontro ao projeto político acalentado por Richer de ver a monarquia novamente centralizada. O desfecho dessa passagem foi a percepção de Richer sobre onde desembocaria a conduta que vinha sendo atrelada ao duque neustriano nas páginas dos *Quatro Livros*.

O momento chegou, disse-lhes o duque, em que eles poderiam, muito facilmente e com justiça, se apoderar da figura do príncipe. Ser-lhes-ia suficiente que se dirigissem ao palácio, dissimulando que pretendiam deliberar com ele, para prendê-lo no meio da discussão e encarcerá-lo em seus aposentos. Quase todos os senhores da Céltica aplaudiram essas palavras e concordaram com o tirano sobre a execução do crime. Eles se dirigiram, então, ao palácio, abordaram o rei como se fossem deliberar com ele sobre algum assunto, entraram em seu quarto e, depois de alguns instantes de conversa, o fizeram e o mantiveram prisioneiro.¹³

É preciso lembrar que tentativas de deposição de monarcas fizeram parte das disputas políticas durante a trajetória da dinastia carolíngia e uma das estratégias utilizadas pelos usurpadores foi o aprisionamento do rei. Mas, como assevera Frances McNair (MCNAIR, 2017a) era muito raro que os reis presos por seus adversários continuassem encarcerados indefinidamente e um soberano aprisionado pelos inimigos não ficava anulado politicamente. O afastamento permanente de um rei “exigia vontade política e sutileza, não apenas para orquestrar um realinhamento tão profundo da cena política, mas para garantir que a mudança permanecesse” (MCNAIR, 2017a, p. 2). A deposição do carolíngio precisaria ser costurada de tal forma que seus sustentáculos ideológicos, seus argumentos impositivos e seus procedimentos coercitivos fossem

¹³ “Unde et rei commoditatem adesse memorabat, facillime et ex aequo regem posse capi asserens, si ipse omnes palatium adeant ac consulturi, in ipso quoque palatii cubiculo inter consulendum regem capiant et teneant. His favent omnes pene ex Celtica, et de patrando facinore apud tyrannum conjurant. Palatium ergo adeunt regemque utpote consulturi stipant. Intromissum vero cubiculo, ut paucis allocuti sunt, capiunt atque tenent.” In: *Ibidem*.

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

socialmente aceitos, politicamente referendados e juridicamente ratificados. Seria necessária a conivência e/ou indiferença de uma parte grande das elites para que uma proposta como essa fosse implementada com sucesso. Destarte, os anseios dos usurpadores careceriam de uma justificativa plausível e condizente com a cultura política dos francos para que fosse possível sustentá-la. Ainda que um rei pudesse efetivamente ser deposto em decorrência de posturas tidas como inaceitáveis para um soberano, o processo não era tão simples, principalmente quando pensa que o objetivo dos inimigos de Carlos não era ‘apenas’ alijá-lo do poder e sim promover o advento de uma nova dinastia. Estariam os argumentos de Roberto respaldados pela legitimidade necessária para se cogitar a deposição de um monarca – e da dinastia à qual ele se achava atrelado?

Roberto e seus aliados encontraram uma justificativa para destronar o rei, articularam alianças para que ela fosse aceita e executaram sua prisão. Na sequência, ao narrar o encarceramento do rei por Roberto e seus aliados, Richer o caracteriza novamente como tirano e, às suas ações, como criminosas. O rei seria libertado pelo arcebispo de Reims, Hervé, no que pode ter sido uma tentativa do monge de Saint Remi de cancelar a legitimidade carolíngia através da descrição do auxílio que lhe fora prestado pela sé remense.¹⁴ Além de politicamente mais poderosa, a sé remense encerrava em si uma série de significados simbólicos que a atrelavam nevrálgicamente ao advento do cristianismo na Gália franca. Robert Latouche afirma que esses episódios foram inventados por Richer e que não há sustentação para acreditarmos neles.¹⁵ Ainda que Latouche esteja certo, fica claro o apoio irrestrito do autor dos *Quatro Livros* ao direito do carolíngio de cingir a coroa e sua condenação dos estratagemas utilizados pelos robertianos e seus aliados em sua busca pelo poder. Apresenta-se, também, de forma clara, a ideia de que havia um partido na *Francia* disposto a se valer de todos os recursos possíveis para usurpar o poder.

É importante mencionar que esse comportamento atribuído a Roberto, pela narrativa de Richer, também fez parte da representação elaborada sobre outros aristocratas imbuídos de anseios semelhantes. É o caso de Gilberto, duque da Lorena, filho do conde de Hainaut, Ranier, Pescoço Longo.¹⁶ A narrativa richeriana apresenta Gilberto como ambicioso, ardiloso e de comportamento fugidio e mal-intencionado.

¹⁴ Ibidem, cap. XXII

¹⁵ Ibidem, p. 50-51.

¹⁶ Rainier, Conde de Hainaut, foi um dos principais sustentáculos de Carlos, o Simples ao longo de sua vida, tendo ocupado posição de destaque na Lotaríngia, reduto mais importante do carolíngio. O Conde

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

O brilho do seu nascimento e a felicidade de ter se casado com Gerberga, filha de Henrique, duque da Saxônia, incutiram-lhe um orgulho que o lançou em uma temeridade desmesurada. (...) Cioso de seus bens, enormemente ávido das posses dos outros; amigo declarado e inimigo secreto dos seus superiores e dos seus iguais, tirava enorme satisfação das desordens e dos desentendimentos.¹⁷

A relação do duque Loreno com Carlos, o Simples não foi regular, tendo ele se confrontado com o rei carolíngio algumas vezes e se aliado a ele, outras. Ele também se associou ao duque neustriano, com quem, igualmente, entraria em conflito. Na passagem mais reveladora, foram apresentadas suas pretensões de aceder à coroa.

Ele desenvolveu uma grande hostilidade pelo rei; ele planejava constantemente sua ruína, e se associava ativamente com os mais poderosos da Bélgica; cobiçando o reino, ele distribuiu aos príncipes quase todos os seus bens; aos mais poderosos ele doava livremente terras e castelos magníficos, e ganhava os pequenos com grandes somas de ouro e de prata. Ele associou aos seus objetivos muitos Belgas, mas bastante desarrazoadamente, pois, mesmo que tenha feito com que se atrelassem a ele pelas grandes doações de terra, não havia feito com que se engajassem pelo juramento de consumir o crime. Assim, ele se viu abandonado com a mesma rapidez com que havia se ligado a eles.¹⁸

Gilberto acalentava o desejo de transformar a Lorena em um reino independente do qual ele seria o rei. Para isso, ele se articulava com os grandes da Bélgica, não para garantir a coroa para Roberto, a quem havia se aliado, mas para si mesmo. Ele também fez promessas para seduzir indivíduos de diferentes grupos e se utilizou das estratégias usuais para costurar alianças, concedendo benesses que variavam segundo o estrato a que

de Hainaut fez parte do grupo de nobres que convidou Carlos a assumir a condição de rei da Lotaríngia após a morte de Eudes, em 898. Seu filho, contudo, apresentou um comportamento mais volátil tendo se aliado ora aos carolíngios, ora aos robertianos ao sabor das melhores perspectivas de levar adiante suas ambições políticas. Essa foram potencializadas após o casamento de Gilberto com Gerberga, filha do rei Henrique da Saxônia.

¹⁷ “Hic cum esset clarissimo genere inclitus, et Heinrici Saxoniae ducis filiae Gerberga conjugio nimium felix, in nimiam prae insolentia temeritatem praecipue ferebatur. (...) Suis adeo profusus, aliena enormiter sitiens; majoribus ac sibi aequalibus coram favens, oculis vero invidens; rerum confusione ac mutua dissidentium insectatione plurimum gaudens.” In: RICHER, op. cit., cap. XXXV.

¹⁸ “Talis itaque in regem nimia animositate ferebatur. Meditabatur quoque regis abjectionem admodum, ac plurimum id pertractabat apud eos qui in Belgica potiores videbantur, non quidem Rotberto, sed sibi regnum affectans; sua quoque principibus pene omnia distribuens. Et majores quidem praediis et aedibus egregiis inclite donabat, mediocres autem auri et argenti talentis efficaciter illiciebat. Fit itaque mutuum ex Belgica cum eo consensus. Sed hoc satis improvide ac inconsulte. Nam licet ob magna beneficia comparatos sibi atraxisset, non tamen ex jurejurando ad patrandum facinus sibi annexuit. Leviter ergo attracti, leviter post dissociati fuere.” In: Ibidem, cap. XXXVI.

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

seus aliados se encontravam vinculados. Os *Quatro Livros* mostram que o duque da Lorena não recebeu apoio efetivo por parte dos seus aliados, que não aceitaram acompanhá-lo em seus anseios independentistas. É de se imaginar que a influência de Henrique I e os vínculos que Carlos, o Simples mantinha com a região, tenham ajudado a refrear o apoio a Gilberto e à sua ambição de ser coroado. É possível pensar, ainda, que sua expectativa de poder não correspondesse com suas condições – e capacidades – de arregimentar aliados. Além das expectativas de costurar alianças, Gilberto, certamente, fundamentava seus anseios nas ligações que havia entabulado com a casa real dos otônidas, ao se casar com a filha do rei da Saxônia. Foi em um dos castelos do seu sogro que ele conseguiu o refúgio necessário em decorrência do exílio advindo no rastro do seu projeto fracassado de chegar ao trono. “Ele permaneceu alguns anos em doloroso exílio, junto do seu sogro e, depois disso, Henrique pediu ao rei que lhe chamasse e lhe concedesse o perdão.”¹⁹ Em 922, Carlos, o Simples atenderia ao pedido do monarca saxão e o duque da Lorena seria chamado de volta do seu desterro. Assim que retornou, Gilberto se lançou aos esforços para separar Henrique e Carlos. O exílio e o perdão que lhe concedera o carolíngio, não demoveram de sua cabeça, segundo Richer, a ambição pelo trono. Os *Quatro Livros* mostram que Gilberto não desfrutava do capital político necessário para transformar a Lorena em um reino independente e que a solução encontrada por ele foi tentar convencer Henrique a auxiliá-lo a consumir seus anseios. O argumento foi o de que “o controle sobre a Céltica seria suficiente para o rei, e que a Bélgica e a Germânia tinham necessidade de outro soberano. Por essa razão, ele tentou influenciá-lo com exortações lisonjeiras, para garantir que a coroa não escapasse-lhe.”²⁰ Pela narrativa richeriana, o rei saxão “percebeu a malícia do que lhe fora proposto, conseguiu resistir a esses conselhos criminosos e fez todos os esforços para dissuadi-lo de suas pretensões ilícitas.”²¹ Não podendo contar com Henrique, o duque loreno buscou os adversários de Carlos que não recusariam suas propostas de aliança.

¹⁹ “Ibique per annos aliquot apud Heinricum socerum deceptus exulat. Evolutu autem aliquot annorum tempore, Henricus apud regem suasorie egit, ut Gilsebertus revocaretur, ac in regis gratiam resumeretur.” In: *Ibidem*, cap. XXXVIII,

²⁰ “(...) Celticam solam regi posse sifficere asserens, Belgicam vero atque Germaniam rege alio plurimum indigere. Unde et, ut ipse in regnum coronari non abnueret, multis suasionibus promovebat.” In: *Ibidem*: cap. XXXIX.

²¹ “Heinrico vero cum nefanda eum suadere adverteret, dictis suadentis admodum restiti, et ut quiesceret ab illicitis, multis amplificationibus agitabat.” In: *Ibidem*.

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

Gilberto, vendo que não conseguiria convencer seu sogro a tomar a coroa, passou pela Céltica e chegou à Neustria, onde, se encontrou com o duque Roberto e o exortou a depor Carlos e a se associar ao trono. O tirano, tomado pelo regozijo, acolheu imediatamente e deu suporte à proposta do outro tirano. Então eles deliberaram e se vincularam, por juramento, a confirmar suas intenções.²²

Mais uma vez, como no caso Hagano, uma perspectiva destituída de qualquer base legítima alimentava o anseio por poder de casas aristocráticas e indivíduos que viam a debilidade régia como oportunidade de assumir a coroa. Um círculo narrativo se fecha na obra do monge de Saint Remi, quando ele descreve a união entre Roberto e Gilberto pouco tempo antes das guerras entre o carolíngio e o robertiano pela coroa da *Francia*. Richer mostra que, de alguma sorte, a conduta dos usurpadores fez com que aproximassem, mesmo que seus interesses fossem colocá-los, em pouco tempo, em rota de colisão. Nada mais sintomático do apoio que a obra do monge de Saint Remi dá à dinastia carolíngia do que a caracterização do ‘tirano que acolhe a proposta do outro tirano.’ Não podemos desconsiderar a perspectiva de que Richer tenha pesado a mão nas críticas a Gilberto por não concordar com seu comportamento. Ainda assim, a narrativa richeriana revela um traço da sociedade franca do século X de que as condutas de homens como Roberto e Gilberto são sintomas: o esquitejamento da autoridade como combustível de ambições régias. O fim do século IX se marcou pela delegação do poder pelos reis a alguns nobres que assumiam uma influência de grandes proporções e uma autoridade quase régia. Carlos, o Calvo se marcou como um arauto dessa proposta e já nos reinados dos seus descendentes “o poder desses homens e dos seus herdeiros se tornou entrincheirado e territorializado a tal ponto que eles poderiam brincar de nomear reis” (KOZIOL, 2012, p. 359). A pretensão de assumir a coroa, ainda que de algum principado regionalizado, era parte da economia das trocas políticas no reino franco do final do século IX e do século X. Alguns aristocratas herdeiros das grandes linhagens, com conexões políticas e sustentação militar, poderiam se lançar em busca de uma coroa. Esse parece ter sido o sonho de Gilberto e era, com toda certeza, o plano de Roberto.

²² “Et Gislebertus quidem, cum apud socerum non proficeret ut regnum sibi parare posset, in Celticam secedit et transit in Neustriam; sicque cum Rotberto duce de eodem negotio consilium confert, suadens ei de regni susceptione, et Karoli abjectione. Exultat tyrannus, et tirano absque mora favet. Deliberant itaque ambo, et post pro perpetrands fidem sacramento confirmant. In: *Ibidem*, Cap. XL.

O que Hagano revela?

A despeito do debate envolvendo os limites que a origem aristocrática de Hagano colocaria à sua ascensão e suas reais possibilidades de se tornar conselheiro do rei (BOUGARD; BÜHRER-THIERRY; LE JAN, 2013), a proposta de Carlos parece ter sido a de colocar um nobre da mais alta estatura no mesmo patamar de um indivíduo que, mesmo sendo aristocrata, não poderia disputar com os grandes do reino em prestígio e poder. É difícil acreditar que o rei não tivesse maturidade política para saber das consequências que essa ação acarretaria. Roberto, além da sustentação oferecida por uma família poderosa e pelas redes derivadas desse poder, teve na pessoa do seu irmão um rei coroado. A ameaça que ele oferecia ao carolíngio era, portanto, dupla: a sustentação política/militar que suas alianças lhe facultavam e a ligação com a ocupação da monarquia por um familiar direto. Carlos precisaria de uma cartada que causasse um impacto profundo na luta pela hegemonia e revertesse a balança para o seu lado. Algo que afetasse diretamente o poder e a influência que emanava do duque neustriano.

Geoffrey Koziol (BOUGARD; BÜHRER-THIERRY; LE JAN, 2013) afirma que a elevação de Hagano foi uma proposta conscientemente orquestrada para neutralizar a autoridade de Roberto no reino. Depois de promovê-lo, Carlos concedeu ao seu ‘favorito’ o convento de Chelles, evento cheio de significados e consequências. Chelles ficava na Neustria, estrategicamente situada entre as terras de Roberto e as de Herbert²³ e, uma vez concedida a Hagano, poderia servir de base para incursões promovidas por Carlos ao tempo em que vetaria ao neustriano o acesso fácil a Reims e à Lotaríngia, “áreas-chave do apoio de Carlos, mas também áreas nas quais Roberto havia recentemente ganhado aliados” (Ibidem, p. 358). Não apenas isso, a medida de Carlos também desarticulava o vínculo político que Roberto havia estabelecido com a abadessa de Chelles, ao casar seu herdeiro com a filha dela (BOUGARD; BÜHRER-THIERRY; LE JAN, 2013). O plano do carolíngio era, ao mesmo tempo, uma tentativa de enfraquecer a autoridade e minar as

²³ Conde de Vermandois, Herbert II era um membro da alta nobreza que encerrava em si todos os elementos que conferiam poder a um aristocrata: uma linhagem tradicional, grandes extensões territoriais, conexão com várias famílias ligadas a casas reais. Além disso, era extremamente ambicioso e alimentou expectativas de assumir a coroa. Ofereceu seu apoio aos diferentes grupos que disputavam a hegemonia do reino. Esteve envolvido em vários eventos emblemáticos da luta pelo poder descritos por Richer nos seus *Quatro Livros de Histórias*.

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

bases do poder dos robertianos em regiões estratégicas, e um esforço para debilitar e anular relações que os ajudavam a manter e ampliar sua sustentação no seio da aristocracia. Carlos tomou medidas que incidiram frontalmente nos costumes ligados ao simbolismo que norteava as diferenciações sociais para demonstrar que esse tipo de procedimento fazia parte das manobras que ele, enquanto rei, poderia executar. Além de trazer Hagano para participar de conselhos privados em detrimento de Roberto e de outros membros da alta aristocracia, o carolíngio concedeu a ele a prerrogativa de “executar atos pessoais de serviço e asseio, que eram sinais públicos de favores privados” (BOUGARD; BÜHRER-THIERRY; LE JAN, 2013, p. 358-359). O significado atinente a essas atividades estava diretamente ligado à hierarquização da sociedade franca e a delimitação dos grupos que poderiam desempenhar essas tarefas era bastante circunscrita. O golpe final seria desferido em seguida. Richer afirmou que Hagano foi colocado à esquerda do rei e em pé de igualdade em relação a Roberto que, como nos disse o monge de Saint Remi, aconselhava o rei em todos os assuntos importantes do reino. Koziol assevera que Hagano seria o segundo a se pronunciar nas assembleias públicas, logo após Roberto, e que suas colocações poderiam contradizer ou mesmo ridicularizar o duque (BOUGARD; BÜHRER-THIERRY; LE JAN, 2013, p. 359). Imaginemos, por um instante, o peso político e moral para um aristocrata de uma das principais linhagens do reino franco de ter sua condição de conselheiro real equiparada à de um membro desconhecido de um ramo menos elevado na hierarquia social. Regine Le Jan (LE JAN, 2003, p. 26) nos auxilia a entender o significado da escolha de Hagano por Carlos como conselheiro. A afronta assumiu uma conotação que atingiu, ao mesmo tempo, a qualidade jurídica da nobreza e a social. Esta se sobrepunha àquela e juntas elas se coadunavam como sustentáculos de um sistema de representação vilipendiado pela escolha feita pelo rei.

A despeito do prejuízo que essas mudanças causaram no prestígio do robertiano, seus desdobramentos não se limitavam ao papel simbólico que elas traziam consigo. Não pode ser descartada a perspectiva de que Roberto tenha se utilizado de Hagano como recurso retórico para justificar a deposição de Carlos. A proposta do neustriano seria a de se utilizar do novo ‘escolhido’ do rei como subterfúgio narrativo para legitimar a intervenção que tiraria a coroa da cabeça do carolíngio, para colocar na sua. Mas, a elevação de Hagano em si não foi o cerne da rebelião promovida pela casa robertiana. Prova disso é que a indignação em relação ao rei e a consideração de sua destituição não

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

levaram em conta os procedimentos padrões de sucessão ao trono, os herdeiros diretos ou os parentes consanguíneos mais próximos do monarca. A agenda dos ‘usurpadores’ estava pautada na substituição da casa reinante e não na do rei, algo que o caso Hagano não seria capaz de justificar e legitimar sozinho. Para isso, outros mecanismos deveriam ser incorporados ao discurso que preconizava a destituição régia. A rede de sustentação costurada por Roberto centrada, sobretudo, nas forças que ele seria capaz de arregimentar no caso de uma guerra contra o rei se configurava como um trunfo imprescindível que o ‘tirano’ trazia consigo. Fica claro que Hagano engendrava outro desafio à aristocracia que se somou ao impacto simbólico que sua presença causou. A pergunta é: se Hagano não foi, efetivamente, a principal causa para entendermos o combustível que insuflou a usurpação robertiana, qual teria sido?

Não obstante as passagens em que Carlos, o Simples surge como ingênuo ou desprovido dos atributos necessários aos detentores da coroa, sua personalidade política e os objetivos que a moviam aparecem exarados nas páginas dos *Quatro Livros*. A pertinácia em se atrelar a Hagano não foi manifestação da falta de preparo de Carlos, e sim, o símbolo do seu esforço para se manter à frente do reino. O ‘favorito’ do rei aparece como emblema do projeto político do monarca carolíngio. Através dele, Carlos demonstrou à nobreza que não aceitaria contestação à sua condição de rei e refutou o recado dos robertianos de que a escolha dos aliados régios deveria necessariamente passar pelo crivo de Roberto. Os recados tinham como alvo em potencial o duque da Neustria, personagem que encerrava em si as principais ameaças de deposição do monarca e usurpação do trono. O ato, ao tempo em que se configurou como um desafio, assumiu também a condição de aviso. Ainda que houvesse clivagens no seio da nobreza, uma coisa permeava a todas elas: estavam abaixo da dignidade real. As bases colegiadas das decisões e a necessidade de que o monarca consultasse – e ouvisse – seus próceres não solapavam a condição do herdeiro da casa reinante de ser *primus* entre seus pares. O rei se utilizou simbolicamente de Hagano para demonstrar que não renunciaria à sua autoridade e à sua posição de herdeiro legítimo da coroa. Exatamente por isso orquestraram sua deposição. Esta não se deveu unicamente à indicação, em si, de um nobre de segunda linhagem a um cargo exclusivo da alta aristocracia e sim ao que essa indicação significou: o desejo de Carlos de submeter todos os *optimates* à sua autoridade. Segundo Yves Sassié (SASSIÉ, 1987), no contexto em que Carlos foi deposto, um rei

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

só seria legítimo se aceitasse o governo partilhado com seus pares, em um cenário em que o poder havia mudado de natureza e de fundamento. Os príncipes não aceitariam que essa ordem fosse questionada. Carlos, o Simples se levantou contra ela e acabou destronado. Ao fim, como mostrou Horst Löblein, foi o próprio Carlos o grande responsável pela eclosão da revolta que culminou com a coroação de Roberto (LÖBLEIN, 2019) o que não retira desta, é claro, o fato de que ela se marcou como uma usurpação.

O encadeamento da narrativa richeriana se direcionou para mostrar os diferentes estratagemas perquiridos por Roberto em seu intuito de tomar o poder. Para isso, o monge de Saint Remi mudou a lógica que vinha dando a tônica da sua obra – de descrever os eventos segundo sua sucessão cronológica – e, entre os capítulos XVI e XIX, fez um pequeno recuo no tempo. Da descrição dos desentendimentos entre Roberto da Neustria e Carlos, o Simples, relacionados à aproximação deste com Hagano – ocorridos na década de 920 – Richer retrocedeu vinte anos e relatou a morte de Fulques, Arcebispo de Reims, acontecida em 900. Para Auguste Maurice Poinsson,²⁴ a cronologia teria deixado suficientemente claro que não havia conexão entre esses episódios. Robert Latouche (RICHER, 1930) diz que Richer narrou a morte de Fulques depois de ter descrito o caso Hagano por ter pensado, equivocadamente, que o bispo remense havia sido assassinado em 920, o que não alteraria a cronologia sucessiva que vinha sendo utilizada pelo monge de Saint Remi desde o início de sua obra. Mas, o que se afigura para nós como mais importante, é que a conexão entre os eventos se conformou como uma avaliação pertinente dos fatos pretéritos. Após apresentar as informações concernentes ao rompimento entre o rei e o duque neustriano, a narrativa richeriana interpõe fatos ocorridos depois da morte de Eudes, em 898, quando a coroa passou a ser exclusivamente cingida por Carlos, o Simples. Como vimos acima, Roberto nunca deixou de “cobiçar veementemente o trono, que achava que deveria ter passado para ele, após a morte do irmão.” O duque da Neustria

pensava em se desfazer de Fulques, arcebispo de Reims, que havia elevado Carlos desde o berço e o colocara no trono. Ele pensava que poderia tomar o poder mais facilmente se esse prelado estivesse morto. Foi sobretudo com Balduíno, príncipe dos Morinos, que ele articulou esse plano, pois conseguiu fazer com que este abandonasse a causa do rei e aderisse à sua.²⁵

²⁴ **Histoire de Richer en Quatre Livres.** Reims: P. Regnier, Imprimeur de l' Académie, 1855, p. 35-37.

²⁵ “Nonnulla quoque moliebatur in Fulconem Remorum metropolitanum, qui regem a cunabulis educaverat, atque in regnum promoverat. Videbatur etenim quia, si is solum deperiret, facilius refundi in

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

O plano foi coroado de êxito. Balduino II de Flandres encarregou um indivíduo chamado Winemar da tarefa de eliminar o bispo remense. Richer atrelou Roberto ao evento que colocou fim à vida do arcebispo, para evidenciar que, assim como aconteceu durante a querela contra Hagano, ele já ambicionava, no contexto dos últimos anos do século IX, ser alçado à condição de sucessor do irmão. Yves Sassier (SASSIER, 1987) diz que Fulques recusava a autoridade do robertiano, tendo abraçado a causa de Carlos ainda durante a adolescência deste. Os *Quatro Livros* testemunham a autoridade que Roberto exercia no final do século IX ao mostrar que ele não teve pudor em articular a morte do arcebispo ligado à sé mais importante do reino. A falta de legitimidade dinástica seria compensada pelos feitos militares e pelas redes de sustentação e dependência costuradas no seio da aristocracia. Faltava, apenas, a justificativa para desencadear o processo e legitimar as ambições do neustriano. Um dos requisitos para que isso pudesse acontecer seria a eliminação de Fulques, bastião da legitimidade carolíngia. Fulques, Arcebispo de Reims entre 883 e 900, apareceu como figura de proa e foi um dos protagonistas no cenário de disputas entre carolíngios e robertianos. Ele foi visto como empecilho para a concretização das ambições de Roberto na medida em que assumiu a condição de porta voz do grupo legitimista e coroou Carlos, em 893. A atuação do bispo remense foi fundamental para que o carolíngio reassumisse a coroa depois da morte de Eudes, o que frustrou os anseios de Roberto de se colocar como sucessor imediato do irmão. Nas páginas de Richer, a vontade manifestada por Roberto de se livrar do arcebispo foi a apresentação do caminho necessário para concretizar sua cobiçada ascensão ao trono. A eliminação de Fulques significaria, por um lado, impedir que ele pudesse perpetrar ações que legitimassem os anseios de Carlos e, por outro, fortalecer aqueles que faziam oposição ao rei. O assassinato do arcebispo seria etapa necessária para a materialização do projeto robertiano que precisaria, ainda, de um argumento que legitimasse suas pretensões usurpadoras. O sucessor de Fulques, Hervé, ainda que tivesse servido aos robertianos, trabalhou diplomaticamente para evitar a eclosão de desentendimentos mais graves entre os partidos que disputavam o poder e terminou aderindo à causa carolíngia. Vinte anos depois da morte de Fulques, o rompimento das relações entre o duque e o rei, em decorrência de Hagano, se configuraria como uma nova

sese regnum potuisse. Id etiam apud Balduinum Morinorum principem admodum agitabat. Hic enim ab eo persuasus ejus partes jam rege deserto sequebatur.” In: RICHER, op. cit., cap. XVI.

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

proposta para materializar a usurpação, só que baseada em uma estratégia diferente. Vemos, assim, que a morte de Fulques e a elevação de Hagano desempenharam o mesmo papel na conduta do robertiano: traçar o caminho que o levaria ao trono, uma articulada a partir da morte de Eudes, em 898, outra justificada na elevação de um nobre dos estratos intermediários a um cargo exclusivo da alta aristocracia. Separados por um interstício de duas décadas, esses eventos se entrecruzavam por suas motivações e objetivos.

Assim, a ligação dos eventos aparece com mais nitidez: o ultraje envolvendo Hagano seria a justificativa para a substituição de Carlos por Roberto e o desfecho de um processo interrompido pela intervenção do arcebispo que não permitiu a quebra na linha de sucessão e preservou a legitimidade dinástica carolíngia e acabou pagando com sua vida por isso. O objetivo de Roberto se materializou nos primeiros anos 920, mas seu intuito de perquiri-lo remonta ao período da morte do seu irmão, nos anos finais do século IX. Richer conecta, dessa forma, dois eventos separados por duas décadas. Diferente do que diz Poinson,²⁶ a ordem cronológica evidencia a percepção por Richer de que a morte de Fulques e a ascensão de Hagano seriam parte da justificativa e do plano para a coroação do segundo robertiano, em 922. Episódios conectados, narrados fora da sequência cronológica, mas atrelados ao mesmo projeto político em suas diferentes fases de materialização. Roberto viu nos dois eventos, as justificativas de diferentes naturezas nas quais ele poderia urdir a legitimidade de suas pretensões. Ao conectar a morte de Fulques e o caso Hagano, Richer mostrou o que o duque da Neustria fez para pavimentar sua chegada ao trono, o que se configurou como atestado da mais completa falta de legalidade de suas ações. O discurso richeriano mostrou que o monge de Saint Remi era legitimista e denunciou a essência usurpadora que permeou a coroação do robertiano pelos seus homens, em 922.

Se Fulques e Hagano fossem manifestações políticas da legitimidade dinástica carolíngia, Richer nos mostraria ainda sua capacidade de estabelecer relações de causa e efeito entre eventos históricos acontecidos em diferentes contextos. As atitudes – pensadas, orquestradas e executadas – contra Hagano e Fulques se marcaram como efeitos

²⁶ *Histoire de Richer...*, op. cit., p. 37. É preciso considerar as influências teóricas e metodológicas que circundavam as reflexões e as conclusões de Poinson na segunda metade do século XIX. Os historiadores estavam bastante preocupados com a apresentação dos fatos “como eles haviam acontecido” o que trazia consigo a necessidade de estabelecimento de datas com precisão cirúrgica. Qualquer descrição de eventos que escapasse a essa lógica seria passível de críticas e contestações de toda sorte.

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

das veleidades e obstinações carentes de legitimidade dos robertianos e de seus aliados. Esses eventos, ainda que apresentados fora de sua cronologia, se atrelam a uma mesma articulação política que tinha como escopo minar a autoridade de Carlos e solapar a legitimidade da dinastia carolíngia. O grande beneficiário de todos esses ardis acabou não tendo tempo de aproveitar sua chegada ao trono. Coroado em 29 de junho de 922, morreria aos 15 de junho de 923.

Fontes

FLODOARD. **Les Annales de Flodoard**. Paris: Picard, 1905.

RICHER. **Histoire de son temps**. Texte reproduit d'après l'éd. originale donnée par G.-H. Pertz, avec trad. française, notice et commentaire, par J. Guadet. Paris: Chez Jules Renouard, deux tomes, 1845.

Histoire de Richer en Quatre Livres. Avec traduction, notes, cartes géographiques et *Fac simile* du manuscrit de Richer par A. M. Poinson. Reims: P. Regnier, Imprimeur de l' Académie, 1855.

RICHER. **Histoire de France, 2 vols**. Éditée et traduite par Robert Latouche. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1930-1937.

Histories, 2 vols. Richer of Saint Rémi. Edited and translated by Justin Lake. Massachusetts/London: Harvard University Press/Cambridge University Press, 2011.

Referências

BARTHÉLEMY, Dominique. La féodalité et l'anthropologie: en relisant Flodoard et Richer. In: **Annuaire-Bulletin de la Société de l'histoire de France**, (2002), p. 25-54.

_____. La théorie féodale à l'épreuve de l'anthropologie. Note critique. **Annales ESC**, 1997, p. 321-341.

BASSI, Rafael. **A escrita da História e o rei**. São Leopoldo: Oikos, 2014.

BOUGARD, François; BÜHRER-THIERRY, Geneviève; LE JAN, Régine. Les élites du haut Moyen Âge. Identités, stratégies, mobilité. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, 2013/4 (68e année), p. 1079-1112.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOYER, Régis. **Les Vikings: histoire et civilization**. Paris: Plon, 1992.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CHARTIER, Roger. **História cultural: entre prática e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino

ISSN 2595-6361

vol. 7, n. 13, 2024, páginas 147-173

169

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

DEPREUX, Philippe. Le comte Haganon, favori de Charles le Simple, et l'aristocratie d'entre Loire et Rhin. In: GAILLARD, Michèle; MARGUE Michel, DIERKENS, Alain; PETTIAU, Hérold. **De la mer du Nord à la Méditerranée. Francia Media, une région au cœur de l'Europe**. Centre luxembourgeois de documentation et d'études médiévales, p. 381-393, 2011.

_____. Saint Remi et la royauté carolingienne. In: **Revue Historique**, T. 285, Fasc. 2 (578) (AVRIL-JUIN 1991), p. 235-260.

DHONDT, Jean. Élection et hérédité sous les Carolingiens et les premiers Capétiens. In: **Revue belge de philologie et d'histoire**. Tome 18, fasc. 4, 1939, p. 913-953.

DUMAS, Auguste. L'église de Reims au temps des luttes entre carolingiens et robertiens (888-1027). In: **Revue d'histoire de l'Église de France**, tome 30, n°117, 1944, p. 5-38.

ECKEL, Auguste. **Charles, le Simple**. Genève/Paris: Slatkine Reprints/Honoré Champion, 1977.

FALKOWSKI, W. Contra legem regem sibi elegerunt: les principes régissant l'exercice du pouvoir royal sous le règne de Charles le Simple. **Cahiers de Civilisation médiévale**, t. 35, 1992, p. 227-239.

FAVRE, Édouard. **Eudes: comte de Paris et roi de France**. Genève/Paris: Slatkine Reprints/Honoré Champion, 1976.

GEARY, Patrick. **Phantoms of remembrance: memory and oblivion at the end of first millennium**. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

GLENN, Jason. **Politics and History in the Tenth Century: the work and world of Richer of Reims**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____. The Composition of Richer's Autograph Manuscript. In: **Revue d'Histoire des Textes**, t. 27, 1997, p. 151-189.

GROSSE, Rolf. La royauté des premiers capétiens: "un mélange de misère et de grandeur"? In: "**Le Moyen Age**," 2008/2, Tome CXIV, p. 266.

GUENÉE, Bernard. **Histoire et Culture Historique dans l'Occident Médiéval**. Paris: Aubier, 1980.

_____. Les premiers pas de l'histoire de l'historiographie en Occident au XIIe siècle. In: **Comptes-rendus de séances de l'Académie des Inscriptions et Belle-Lettres**, 127e année, n°1, 1983, p. 136-152.

_____. Histoires, annales, chroniques. Essai sur les genres historiques au Moyen Âge. In: **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**. 28e année, n°4, 1973, 997-1016.

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino

ISSN 2595-6361

vol. 7, n. 13, 2024, páginas 147-173

170

Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, *o simples*
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções

Bruno Casseb Pessoti

INNES, Matthew. **State and Society in the Early Middle Ages. The Middle Rhine Valley, 400-1000.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KOZIOL, Geoffrey. **The politics of memory and identity in Carolingian royal diplomas: the West Frankish Kingdom (840-987).** Turnhout, Belgium, Brepols Publishers, 2012.

_____. Is Robert I in hell? **Early Medieval Europe**, 2006 (14) 3, p. 233-267.

_____. Charles the Simple, Robert of Neustria, and the vexilla of Saint-Denis. In: **Early Medieval Europe**, 2006, (14) 4, p. 355-390.

_____. **Begging Pardon and Favour. Ritual and Political Order in Early Médiéval France.** Ithaca: London, 1992.

LAKE, Justin. **Richer of Saint-Remi: the methods and mentality of a tenth-century historian.** Washington: The Catholic University of America Press, 2013.

_____. Truth, plausibility, and the virtues of narrative at the millennium. In: **Journal of Medieval History**, vol. 35, 2009, p. 221-238.

_____. Rewriting Merovingian History. In: **Early Medieval Europe**, 2017, 25 (4), 489-525.

LAUER, Philippe. **Robert Ier et Raoul de Bourgogne, rois de France (923-936).** Genève/Paris: Slatkine Reprints/Honoré Champion, 1976.

LE JAN, Régine. **Famille et pouvoir dans le monde franc (VIIe-Xe siècle): Essai d'anthropologie sociale.** Nouvelle édition [en ligne]. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2003.

LECOUTEUX, Stéphane. Les *Annales* de Flodoard (919-966): une oeuvre complete ou lacunaire? **Revue d'Histoire des Textes**, n.s., t. II, 2007, p. 181-209.

LEYSER, K. J. **Communications and Power in Medieval Europe: The Carolingian and Ottoman Centuries.** Rio Grande, Ohio: Hambledon Press, 1994.

LÖBLEIN, Horst. **Royal Power in the Late Carolingian Age: Charles III the Simple and his predecessors.** Colônia: Modern Academic Publishing, 2019.

LOT, Ferdinand. **Naissance de la France.** Paris: Fayard, 1948.

MACLEAN, Simon (ed.). **History and politics in late Carolingian and Ottonian Europe. The Chronicle of Regino of Prüm and Adalbert of Magdeburg.** Manchester: Manchester University Press, 2009.

MCNAIR, Fraser. After Soissons: The Last Years of Charles the Simple (923-929). **Reti Medievali Rivista**, 18, 2 (2017a).

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino

ISSN 2595-6361

vol. 7, n. 13, 2024, páginas 147-173

Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções

Bruno Casseb Pessoti

_____. The Young King and the Old Count. Around the Flemish Succession Crisis of 965. In: *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, 95, 2017b, p. 145-162.

MCKITTERICK, Rosamond. *The Frankish Kingdoms under the Carolingians, 751–987*. London: Longman, 1983.

_____. *The Carolingians and the Written Word*. New York: Cambridge University Press, 1989.

_____. *History and Memory in the Carolingian World*. New York: Cambridge University Press, 2004.

MENANT, François; MARTIN, Hervé; MERDRIGNAC, Bernard; CHAUVIN, Monique. *Les capétiens: histoire et dictionnaire, 987-1328*. Paris: Robert Laffont, 1999.

RICHÉ, Pierre. *Les grandeurs de l'an mille*. Paris: Bartillat, 1999.

_____. *Gerbert D'Aurillac. Le papel de l'an mil*. Paris: Fayard, 1987(a).

_____. Gerbert et Hugues Capet. In: *Annuaire-Bulletin de la Société de l'histoire de France*, (1987), p. 63-72.

_____. *Les carolingiens. Une famille qui fit l'Europe*. Paris: Hachette, 1983.

RUST, Leandro Duarte. *Vikings. Narrativas da violência na Idade Média*. Petrópolis: Vozes, 2021.

SASSIER, Yves. *Hugues Capet*. Paris: Fayard, 1987.

_____. L'utilisation d'un concept romain aux temps carolingiens. *La res publica* aux IXe et Xe siècles. In: *Médiévales*. Année 1988, 15, p. 17-29.

_____. *Royauté et idéologie au Moyen Âge*. Paris: Armand Colin, 2002.

SOT, Michel. *Un historien et son Église au Xe siècle: Flodoard de Reims*. Paris: Fayard, 1993.

_____. Hérité royale et pouvoir sacré avant 987. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 43e année, n° 3, 1988, p. 705-733.

_____. Richer de Reims a-t-il écrit une Histoire de France?. In: BERCÉ, Yves-Marie et CONTAMINE, Philippe. *Histoires de France, historiens de la France. Actes du Colloque International*. Reims, 14 et 15 mai 1993, éd., Paris, 1994, p. 47-58.

STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, p. 132-143.

**Hagano e as agruras da usurpação: as lutas entre Carlos, o simples
e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções**

Bruno Casseb Pessoti

TEIXEIRA, Igor Salomão e BASSI, Rafael (orgs.). **A escrita da história na Idade Média**. São Leopoldo: Oikos, 2015.

THEIS, Laurent. **L'avènement d'Hugues Capet**. Paris: Gallimard, 1984.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru: Edusc, 1999.

WALSH, Christine. Baptized but not Converted: The Vikings in Tenth-Century Francia. **Studies in Church History**, 51, 2015, p. 67-79.

WICKHAM, Chris. **O legado de Roma. Iluminando a idade das trevas, 400-1000**. Campinas: Editora Unicamp, 2019.

Informações dos autores

Bruno Casseb Pessoti. Professor de História Antiga e Medieval da Universidade Federal do Oeste da Bahia, Doutorando em História pelo PPGH-UFBA.

Contribuição de autoria: autor.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6173640554714465>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

PESSOTI, Bruno Casseb. Hagano e as agruras da usurpação: As lutas entre Carlos, o simples e Roberto da Neustria pela coroa da *Francia* entre justificativas e intenções. **Perspectivas e Diálogos**: Revista de História Social e Práticas de Ensino, Caetité, vol. 7, n. 13, 2024, p. 147-173.